

Da vida para a escola: práticas orais lúdicas revisitadas em um curso de formação continuada de professores

From life to school: lovely oral practices revised in a continued teacher training course

Cristina Aparecida Leite¹

RESUMO: O texto apresenta o relato de experiência do trabalho com atividades orais permeadas de ludicidade que foram ressignificadas durante o curso **Rodas de Brincar**, oferecido no 1ºsem/2016 para os professores-formadores atuantes nas Oficinas Pedagógicas do DF, no espaço da EAPE. Participaram 38 professores de várias disciplinas e etapas de ensino. Por meio de diversas vivências, foram abordadas práticas como: narração de histórias, poemas, quadrinhas populares, rodas de versos – líricas, de desafio e de lorota -, parlendas, cantigas populares e toda a musicalidade que emerge de tais práticas. Para a fundamentação teórica, contribuíram: Sílvio Romero (1954), Jacqueline Heylen (1991), Paulo Freire (1996), Loureiro e Tatit (2013), Gomes e Moraes (2013), Kishimoto (1998), Câmara Cascudo (2010), Saraiva (2011), Mário de Andrade (2002), Lucilene Silva (2014), Luckési (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Formação continuada; Práticas orais; Oficinas Pedagógicas; Ludicidade.

ABSTRACT: The text presents the experience report of the work with oral activities permeated with playfulness that were re-signified during the Wheels Of Play Course, offered in the 1st semester / 2016 to the teacher-trainers working in the Pedagogical Workshops of the DF, in the EAPE space. It was attended by 38 teachers from various disciplines and teaching stages. Through various experiences, practices such as lullabies, storytelling, poem, popular comic strips, rhythms of challenge and, speeches, popular songs and all the musicality that emerges from such practices were addressed. For the theoretical basis, they contributed: Sílvio Romero (1954),

¹ Mestranda em Artes Cênicas na Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: cristinaleite224@hotmail.com.

Jacqueline Heylen (1991), Paulo Freire (1996), Loureiro and Tatit (2013), Gomes e Moraes (2013), Kishimoto Saraiva (2011), Mário de Andrade (2002), Lucilene Silva (2014), Luckési (2014), among others.

Keywords: Continuing education; Oral practices; Pedagogical Workshops; Playfulness.

1. INTRODUÇÃO

*O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
(Manoel de Barros)*

Sentar ao redor da fogueira para ouvir um causo, uma piada ou mesmo histórias de assombração; reunir os colegas e apostar quem sabia mais versinhos² de memória; apostar quem conseguia melhor desempenho com os trava-línguas; segurar nas mãos, fazendo um círculo para entoar canções: práticas orais que permearam a infância de muitos professores e que, vemos, pouco a pouco, irem se distanciando das nossas práticas sociais contemporâneas.

Na era digital, as palavras ditas vão sendo substituídas por imagens, cada vez mais velozes. O tempo é outro. O espaço também. Trago a provocação de Cortella, que diz:

A ciência nos prometeu, há cem anos, no início do século XX, que, quanto mais tecnologia, mais tempo livre, e nós estamos numa explosão tecnológica, quase sem tempo nenhum. Hoje há crianças de seis anos que não têm tempo para nada. Elas têm agenda de executivo! Você olha, essa criança já está neurótica... Não pode ficar parada, brincando: a família tem que preencher o tempo dela com tarefas, a escola também tem que dar tarefas. (CORTELLA, 2014, p. 76)

Concordo com a constatação que Cortella faz, especialmente sobre o tempo exíguo da contemporaneidade, e acrescento que há outros fatores a serem considerados. As famílias urbanas estão cada vez menores. Muitos casais escolhem, inclusive, não ter filhos. A violência urbana afasta-nos das ruas

² Assim eram nomeadas as quadrinhas populares na minha infância, no lugar onde eu morava.

e das suas possibilidades. As tecnologias invadem nossas casas, nossas vidas, nossos corpos e nossas relações. Foram muitas mudanças em pouco tempo. Diante de tantas transformações sociais, torna-se necessário refletir sobre alguns posicionamentos, tanto na escola quanto na vida.

Por acreditar que ainda é possível manter acesa a humanidade no ser humano é que pauto esse texto, que versa sobre um tema simples, porém de riqueza nem sempre valorizada nos espaços escolares: a oralidade. Ela é o princípio basal de nossa vida em sociedade. Há sociedades ágrafas, mas não se tem notícia de sociedade que não tenha suas tradições orais.

Walter Benjamin, em texto de 1936, intitulado O Narrador, alertou sobre algumas situações:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 2012, p. 213)

Há mais de oitenta anos atrás, Benjamin observava estarem definindo as trocas entre os humanos. O que dizer dos dias atuais? É cena recorrente vermos pessoas reunidas, mas interagindo com as telas. Um bom papo ao vivo, com olho no olho, é substituído por toques frenéticos que pulam de uma mensagem a outra, indefinidamente. Famílias, quando ainda conseguem se reunir em volta de uma mesa para refeição, deixam de interagir entre si para estarem nas redes sociais. É este o ponto essencial que motivou a reflexão sobre atividades que pudessem ser debatidas e vivenciadas durante a formação continuada de professores, nas Oficinas Pedagógicas do DF, que são espaços destinados à oferta de cursos de formação continuada aos professores da rede pública de ensino. São subordinadas ao Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (EAPE) e às Coordenações Regionais de Ensino (CREs). Surgiram em 1986, por iniciativa de um grupo de professores que buscavam alternativas lúdicas para enriquecerem sua prática pedagógica; à

época, pautava-se na pesquisa e confecção de jogos, essencialmente. Com o passar do tempo, foi-se consolidando o caráter de formação continuada que emergia deste espaço, que foi sendo ampliado pouco a pouco para atender à demanda. Hoje, há quatorze unidades, distribuídas pelo DF. Por ofertarem sugestões lúdicas aos professores e estarem mais próximas dos locais de trabalho deles, são bastante procuradas.

2. Ludicidade nas Oficinas Pedagógicas

Os professores-formadores das Oficinas Pedagógicas (em torno de quarenta profissionais ao todo) estão distribuídos nas quatorze Regionais de Ensino e possuem um Núcleo para coordenar as ações entre elas. Geralmente, representantes de todas as Oficinas se encontram às quartas-feiras, no espaço da EAPE, para traçarem metas, discutirem ações, buscarem soluções para os problemas e participarem de formação continuada, muitas vezes oferecidas pelos próprios pares.

Neste espaço, o formato das aulas busca propor reflexões teóricas aliadas a atividades práticas, por meio de estratégias lúdicas em todas as atividades propostas, desde a leitura de textos até a avaliação do encontro.

Sobre ludicidade, grande contribuição trouxe Huizinga (2012), o qual defende que em essência o ser humano é lúdico. O autor insere à ideia de *homo sapiens* e *homo faber*, o conceito de *homo ludens*, dada a natureza lúdica presente tanto no homem quanto nos animais, que seria uma das principais bases da civilização. “As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar” (HUIZINGA, 2012, p.10). O autor defende ainda que existe um “estado da brincadeira”, de maneira que é possível perceber, quando se está assistindo, quando dois cachorros, por exemplo, estão a brincar. Este “estado da brincadeira” pode ser ampliado. Acrescentaria que existe um estado da “ludicidade”. Muitas vezes, atividades lúdicas deixam a pessoa neste estado: num estado presente, de total entrega, numa inteireza e completude, de total conexão com o aqui e o agora, por estarem envolvidos com a atividade proposta. É o que Huizinga nomeia de “arrebatamento”.

Foi baseada na experiência vivencial com a ludicidade nas Oficinas Pedagógicas e preocupada com a problemática evidenciada na introdução deste texto, que pensei estratégias para oferecer um curso que pudesse sensibilizar o professor sobre a importância de se valorizar a comunicação oral e o convívio entre as pessoas, dentro do espaço escolar, já que em outras instâncias urbanas, em geral, essas situações estão sendo relegadas.

3. O curso Rodas de Brincar

Com essas inquietações, foi pensado um curso que recebeu o nome oficial *Rodas de Brincar - a importância dos brinquedos cantados, cirandas e brincadeiras na escola*. Para sua elaboração, busquei na tradição oral suas raízes e embasamento teórico-prático, elencando atividades que antes eram vivenciadas nas ruas, em grupo, nas famílias para que pudessem ser ressignificadas no espaço escolar. A aceitação foi sempre positiva. Começou como oficina de três encontros em 2014 e tornou-se um curso de 60 horas, com doze encontros, em 2015, para professores da Regional de Ensino de Ceilândia, cidade-satélite do DF. A resposta foi também positiva, em que os participantes sugeriram a continuidade do curso e/ou ampliação de sua carga horária.

Em 2016, o curso foi oferecido aos professores-formadores das demais Regionais de Ensino, tendo sido formados trinta e oito professores, que estão aptos a ministrar o curso em suas respectivas regionais.

Ainda em 2016, foram formadas quinze turmas do curso, em várias Regionais de Ensino e, em 2017, há a previsão de que quatorze turmas sejam formadas ainda no primeiro semestre. Cerca de trezentos professores já vivenciaram esta formação e a sugestão mais recorrente é a de que haja ampliação da carga horária. É um curso com caráter interdisciplinar, do qual podem participar professores interessados, independentemente da disciplina que ministram ou da etapa de ensino em que atuam.

Por ter seu fulcro embasado nas tradições orais, traço agora uma revisão sobre os Jogos Tradicionais da Infância.

4. Jogos tradicionais da infância

Em seu livro *Jogos Infantis*, Kishimoto (1998) oferece várias reflexões para o entendimento do jogo na história do Brasil, ressaltando as influências das etnias europeias, indígenas e africanas para as brincadeiras que eram feitas aqui, no início do Século XX. Traz ainda considerações sobre a relação entre o jogo, a criança e a educação. Sua pesquisa aponta que a maioria das cantigas de roda de que temos conhecimento possuem origem europeia. Para a autora (1998), o jogo tradicional infantil:

[...] guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida sobretudo pela oralidade, não fica cristalizada. Está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo. Por ser elemento folclórico, o jogo tradicional infantil assume características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade. (KISHIMOTO, 1998, p. 15)

Podemos perceber que as brincadeiras, especialmente as cantadas, vão sofrendo mudanças, ressignificações ao longo do tempo, pela influência da oralidade. Atualmente, já há registros de brincadeiras de outras origens, que não as europeias, inclusive com livros e CDs³, que podem subsidiar atividades para a sala de aula, pois, segundo Jaqueline Braumtz e Celso Pan (2012):

Existem diversas propostas lúdicas que fazem parte da identidade histórico-cultural de crianças brasileiras, que promovem o encontro da Arte, da Cultura, da Educação. São as brincadeiras de roda, dança, manifestações populares, músicas, pinturas, esculturas, e as histórias de tradição oral, que passam de geração a geração (BAUMGRATZ & PAN, 2012, p. 7).

Realmente, tais atividades fazem parte da identidade histórico-cultural de crianças brasileiras. Isso porque ao trabalharmos tais brincadeiras, também trabalhamos as cantigas tradicionais da infância, favorecendo a vivência compartilhada de significativos momentos estéticos, em que muito se pode

³ É o caso, por exemplo, do livro: *Música africana na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras*, de Lilian Abreu Sodré, além de *Cantos TikmŪ'ún: para abrir o mundo*, de Rosângela Pereira de Tugny, que traz cantos indígenas. Ambos são acompanhados por CD

aprender sobre ser humano, sobre ser gente: gente que sente, pensa, respeita o outro, que ri junto e consegue conviver com seus pares de maneira harmoniosa e solidária, contribuindo para a formação do ser integral: pensando, sentindo e agindo.

Não há idade pré-estabelecida para se envolver com as brincadeiras cantadas, embora muitos professores acreditem que crianças maiores não se envolveriam com essas atividades. No entanto, a experiência trouxe relatos positivos de professores que atuavam com Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e até Educação de Jovens e Adultos.

5. A potência lúdica ao se explorar a oralidade – base poética das quadrinhas

A educação escolar preocupa-se bastante com a aquisição da língua escrita, mas se esquece, muitas vezes, da importância de se explorar também a linguagem oral. É necessário que haja espaço para que os estudantes se expressem pelas vias da oralidade, com vistas ao enriquecimento da comunicação e expressão. Existem várias atividades que podem favorecer o ato de brincar com a palavra, em sala de aula, propiciando aprendizagens. Trago exemplos de atividades pautadas na exploração da oralidade e que permearam alguns encontros do curso.

5.1. As quadrinhas populares (ou versinhos, como se diz coloquialmente)

Os registros das quadrinhas populares⁴, no Brasil, remontam ao século XIX, pelo rico estudo de Sílvio Romero, cujo início da coleta remonta ao ano de 1878 (ROMERO, 1954, p. 387). Tais quadrinhas se tornam presentes em várias brincadeiras tradicionais até hoje, algumas vezes com novas roupagens.

A consagração da quadrinha, na fórmula ABCB, tivera sua glória no século XVIII e veio, cantada e decorada, desde as produções para violão até as gestas dos vaqueiros, às primeiras décadas do século

⁴ Quadrinhas populares são poemas de forma simples. São compostas de quatro versos, como exemplo: Esta noite tive um sonho/ Mas que sonho atrevido/ Sonhei que era babado/ Da barra do seu vestido. (MEGALE, 2003, p. 45).

XX. (...) Era uma persistência setecentista, teimando em alcançar a era dos novecentos. (ROMERO, 1954, p. 388)

Interessante notar que as quadrinhas registradas por Sílvio Romero trazem construções que chegam ao século XXI, com novas figurações e acabamos por conhecê-las, muitas vezes, por meio das cantigas infantis. Portanto, a origem de muitas canções, assim como das brincadeiras se perde no tempo e no espaço.

“Os versos mais felizes são conservados na memória coletiva. Essa literatura oral é riquíssima (...) A tradição oral guarda as obras que não foram impressas e elas vivem perpetuamente no idioma popular.” (CASCUDO, 2010, p.56). Difícil ficar indiferente à riqueza da literatura oral brasileira. Muitas vezes, não tem seu valor reconhecido pela escola, pelo que assevera Monteiro (2011, p. 63): “a cultura erudita ou letrada, identificada com a revolução científica, demarca-se da tradição oral, que passa a ser definida negativamente”. Mesmo assim, vamos aprendendo-a no dia-a-dia, na convivência com nossos pares, que vão repassando esses saberes, os quais vão sofrendo influências de tempo, espaço, personagens, de maneira que é perceptível o caráter flexível das tradições.

A transferência para o espaço escolar de jogos, brinquedos e brincadeiras é fonte para instalação da fantasia, da imaginação, da liberdade, da criatividade, sem deixar de se construir um processo de aprendizagem. (...) O apelo ao brincar permite que a criança vivencie a experiência de pertencimento social. Sentindo-se integrada a uma comunidade cultural, a criança envolve-se com a preservação de suas manifestações e, a partir delas, exercita sua autonomia e sua liberdade de transformar e criar. (SARAIVA, 2011, p. 27)

Neste sentido, durante o curso *Rodas de Brincar*, uma atividade sugerida foi a Roda de Versos. Com diferentes cantigas, esta foi uma prática inserida em três encontros diferentes.

Primeira atividade – quadrinhas comuns, cujos temas mais recorrentes são o amor e o humor - em roda, ao som da música: *Passa a peneira, menina* (Disponível em: <https://goo.gl/VAem2j>). Uma peneira contendo algumas

quadrinhas ao centro passa entre os participantes. Quando a música para, quem está com a peneira precisa declamar uma quadra.

Segunda atividade – Desafio de Versos: Cantando a música Oh, marinheiro, eu ia, não vou mais (2X)/ Ele faz que vai pra frente, marinheiro, e torna a voltar pra trás (2X), os participantes precisaram se dispor em duas filas, uma de frente para a outra. Após o refrão, alternando as filas, alguém de um lado dava um passo para o centro, desafiando a fila em frente. Versos de desafio ou despiste são versos que lembram uma embolada⁵, uma pessoa vai dando continuidade à outra, como que respondendo. Neste caso, as quadrinhas foram entregues antes da atividade. O refrão era acompanhado por palmas. Os participantes envolveram-se com a atividade a ponto de, após terminarem os versos de desafio, começarem a jogar quadrinhas na roda aleatoriamente.

A última vivência com as quadrinhas foi por meio dos *versos de lorota*. Neste caso, as quadras foram distribuídas antecipadamente a algumas pessoas que precisavam inseri-los na mesma melodia do refrão. O refrão dizia assim: *Ai, ai, ai (2X) Que mentira, que lorota boa, que mentira, que lorota boa! (2X)* Os participantes exploraram o espaço, cantaram, dançaram, se movimentaram. Os versos de lorota trazem informações sugerindo inverdades. Apela para o extremo do absurdo. Assim sendo, conseguem arrancar sorriso dos participantes, de maneira quase involuntária.

Vou contar agora um caso que outro dia sucedeu Minha sogra tá de prova que tal fato aconteceu Uma cobra venenosa viu a velha e mordeu Mas em vez da minha sogra foi a cobra que morreu
O meu primo Zé Potoca mente tanto que faz dó Me contou que pegou água, enrolou e deu um nó Que mentira mais danada, que conversa mais à toa Dar nó n'água né possível, é lorota e das boa

Tabela 1 - Exemplos de Versos de Lorota

⁵ Embolada é uma forma poético-musical do Nordeste, em compasso binário e andamento rápido, com refrão coral, quando dançada ou dialogada (como nos desafios).

5.2. As Parlendas

Outra sugestão de exploração da oralidade, partindo da tradição, é o trabalho com as parlendas, profundamente estudadas na pesquisa de Jacqueline Heylen (1991). A autora coletou essa modalidade de texto oral, presente nas diferentes regiões do Brasil. Segundo ela:

A parlenda é um conjunto de palavras de arrumação rítmica em forma de verso que rima ou não. Ela distingue-se dos demais versos pela atividade que a acompanha, seja jogo, brincadeira ou movimento corporal. A parlenda é enunciado lúdico-pedagógico; ela diverte e ensina e, pela sua forma ritmo-sonoro-motora, desenvolve as condições psicossociais do homem. (HEYLEN, 1991, p.13)

As parlendas fazem parte da nossa trajetória de vida. Dificilmente ao ouvir: serra serra serrador/ serra o papo do vovô/ alguém fica indiferente. Tais cantigas mexem com as lembranças do povo brasileiro. São conhecimentos repassados por meio da oralidade e, por isso mesmo, com características de anonimato.

Ao verificarmos a coleta de parlendas do estudo de Jacqueline Heylen (1991), é interessante notar o quanto elas vão sofrendo modificações, recebendo outros contornos e significados dependendo do tempo e do espaço em que ocorrem, mas conseguimos perceber algo que remete às nossas memórias. Uma evidência de transformação de parlenda pode ser percebida no exemplo seguinte, recolhido por Heylen (1991), em Ribeirão Preto, provavelmente antes do ano de 1985 (ano da 1ª edição do seu livro). A construção e o ritmo propiciado pela leitura, remetem-nos a uma brincadeira bem conhecida nos dias de hoje, especialmente pelos brasilienses:

Parlenda recolhida na década de 80:	Brincadeira conhecida em 2016:
Ô dô tê cá	A dô le tá
Le pepino le tomá	Le petit, petit petá
Le café com chocolá	Nescafé com chocolá
Ó dó tê cá (HEYLEN, 1991, p. 41)	A dô le tá.”

Tabela 2 - Comparação de versões antigas e atuais de parlendas

Heylen (1991, p. 132) há mais de 30 anos, alertava sobre a questão do movimento: "Antigamente se fazia mais movimento. As próprias condições de vida obrigavam o homem a se movimentar: ele caçava, pescava, plantava, fazia a colheita e, ligado a estes eventos cotidianos, dançava". Que dizer da questão do movimento nos dias atuais? À medida que o tempo passa e mais tecnologias são desenvolvidas, os indivíduos tendem a se movimentar menos. Frente a essa realidade, inserir atividades que favoreçam o movimento em sala de aula também por isso são positivas. Neste sentido, pular corda com acompanhamento de parlendas pode ser uma sugestão. Lucilene Silva (2014) nomeia este tipo de atividade como Brinquedos Ritmados, que, segundo ela:

[...] se servem do ritmo e das variações de altura da língua falada, do fraseado e de entonações do discurso literário, gerando uma expressão corporal vigorosa. São notáveis a predisposição e a desenvoltura com que as Crianças (sic) navegam nos dois estilos, manifestando com vivacidade toda a multiplicidade e a riqueza de suas práticas expressivas. (SILVA, 2014, p. 15)

Durante a formação, foram feitas sugestões de parlendas para acompanhar o ato de pular corda e, no terceiro encontro, distribuímos uma parlenda para cada participante. Havia seis tipos de parlendas diferentes. Solicitamos que explorassem o espaço recitando-as e, depois, que se agrupassem com as parlendas iguais. Formaram-se seis grupos e cada um leu coletivamente a sua parlenda. Neste momento, perguntávamos se alguém conhecia da mesma maneira ou se conhecia uma versão semelhante. Uma lembrança vai trazendo outra e outra, num constante girar da memória afetiva e coletiva.

5.3. A musicalidade

As quadrinhas e as parlendas, base poética das cantigas, por si só, combinando fonemas, métrica e rima têm musicalidade própria. Ao lermos algumas, já fazemos isso quase cantando. Dessa maneira, muitas das quadrinhas populares vão sendo musicadas e, assim, surgem as músicas tradicionais da infância.

Alceu Maynard Araújo (2004), sociólogo, etnólogo e folclorista, assim definiu a música tradicional:

se afina espontaneamente com o pensar, o sentir e o agir do povo e, por isso, foi aceita por este. A oralidade se encarrega de difundi-la, ao mesmo passo em que passa a ter um sentido de coletividade, estando presente tanto nas brincadeiras infantis quanto nos cantos ritualísticos das religiões, conferindo-lhe um alto grau de representatividade nacional. (ARAÚJO, 2004, p. 451)

O autor resume nesta passagem muito do que representa a música tradicional, passando pela subjetividade de um povo e pautando-se na oralidade.

Mário de Andrade, por sua vez, fez o registro de algumas cantigas que, segundo ele, eram dançadas como Cirandas. À época, assim foram feitos os registros:

Virgi du Rusaro/ Sua casa chera/ Cravos e rosas,/ Flô de laranjeira (ANDRADE, 2002, p.501)

Ôh ciranda, cirandinha/ Vamo todos cirandá/ Vamo dá a meia vorta/ Vorta e meia vamo dáaaa /E depois da vorta dada/ cavalero, troque o pá! (ANDRADE, 2002, p.588)

1 – Oh, Senhora do Rosário/ a sua casa cheira/ cheira cravo, cheira rosa/ cheira flor de laranjeira!
2 – Ciranda, cirandinha/ vamos todos cirandar/ Vamos dar a meia volta/ Volta e meia vamos dar/ O anel que tu me deste era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

Tabela 3 - Versões atuais de cantigas

Como se pode notar, são versões que muito se aproximam com aquelas das quais tomamos conhecimento hoje. Sobre a música tradicional da infância, na atualidade, é de grande relevância a pesquisa de Lydia Hortélio. Há mais de trinta anos pesquisando a cultura infantil, ela alerta para o fato de que as crianças de hoje, no geral, estão cantando menos. Acrescenta que o repertório é pobre e

que passa a ser missão da escola abordar, também, estas questões. Tal fala foi feita numa oficina da qual participei, em abril de 2016, no evento: IX Encontro de Educadores Musicais da UNICAMP. Segundo ela, os brinquedos cantados (Apud SILVA, 2014, p. 15), “fazem uso da palavra e constituem instrumentos naturais de conquista da Língua: a língua mãe, a língua mãe musical”.

Lydia é inspiração para outros pesquisadores da cultura do brincar, como é o caso de Lucilene Silva, Adelsin e o casal Vicente e Marcela⁶, dentre outros. A pesquisadora já lançou três CDs com músicas tradicionais pesquisadas, sendo: Abra a roda tindo lê lê, Oh Bela Alice e o último: Céu, Terra, 51 Cada Vez Sai Um.

Com o advento da internet, tornou-se fácil a divulgação e propagação das cantigas tradicionais. Além disso, grupos musicais fazem ricas pesquisas sobre este cancionário popular e desenvolvem seus trabalhos a partir dele, atribuindo novas combinações, arranjos, mas mantendo a essência da canção. É o caso dos grupos Palavra Cantada, Tiquequê, Emcantar, Triii, dentre outros.

5.4. As cantigas de ninar

As cantigas de ninar são canções de domínio público, com rimas simples e sonoridade agradável, as quais muitas pessoas têm acesso na infância. Trata-se do primeiro contato com a expressão da tradição, que é transmitida de geração a geração.

Após um momento de sensibilização, foi solicitado que os participantes cantassem uma cantiga que lembrasse a mais tenra infância. Momento de sutilezas e aguçamento das sensibilidades. É possível, por meio dessa atividade, perceber os professores entrarem em contato com suas memórias e deixarem a emoção fluir.

Funciona como um estímulo o aluno perceber que sua experiência está presente na escola. Além disso, o professor também tem a sua história, as suas cantigas, a sua memória. Ao entrar em contato novamente com esse universo,

⁶ Existe um site em que podem ser encontradas informações sobre alguns destes pesquisadores, que é <http://www.casadas5pedrinhas.com.br>

a criança interior do adulto pode ser ativada, pois “tanto os educadores quanto seus alunos têm uma história pessoal em que se entrelaçam muitas histórias. Entre elas, inclui-se a do modo como tiveram acesso ao mundo da ficção e da poesia, o qual, certamente, não se iniciou na escola” (SARAIVA, 2011, p. 28). A autora acrescenta (2011, p. 27): “o aprendizado é uma festa em que os protagonistas são os alunos e em que os brinquedos e as brincadeiras abrangem as palavras a as inúmeras derivações que elas provocam.” Sendo assim, ao explorar as palavras, sua rima e musicalidade estamos, de certa maneira, valorizando a tradição oral de forma lúdica. No trabalho com os professores, percebemos o quanto o jogo motiva a participação e provoca a memória afetiva dos participantes. Por que razão não reservar à palavra oral um lugar de destaque na educação escolar? É como refletem Gomes & Moraes (2013):

Favorecer a continuidade e o enriquecimento do universo de simbolizações da criança, iniciado em suas vivências familiares e comunitárias, pode auxiliá-las no processo de alfabetização e letramento. Ao ouvir narrativas, parlendas, quadrinhas, adivinhas, fábulas e canções, a criança constitui imagens a partir da oralidade presente em expressões, ritmos, melodias, entonações, gestos, olhares e interações humanas. (GOMES & MORAES, 2013, p. 51)

Precisamos nos lembrar do princípio, Huizinguiano de que todos temos uma natureza lúdica que precisa ser explorada também no espaço escolar e que as crianças saem da Educação Infantil aos cinco anos, ou seja, a partir da idade de seis anos, a prioridade são os conteúdos escolares, deixando-se, em geral, a brincadeira em um segundo plano, quando não fica totalmente esquecida ou dissociada da sala de aula.

5.6. A narração de histórias

Reporto-me ao principal curso oferecido por todas as Oficinas Pedagógicas, *A Arte de Contar Histórias*, em que é forte o ato de brincar com as palavras, estimulando-se o imaginário. Mais de dois mil professores da rede já participaram desta formação. O momento da narração de histórias favorece a conexão humana, entre quem conta, entre quem ouve e a história narrada. Esta

atividade esteve presente em grande parte dos encontros do curso. Conforme defendem Lenice Gomes e Fabiano Moraes (2013, p. 52), “para o contador de histórias, o aspecto mais importante será o lúdico. No contador manifesta-se a alegria de saber brincar como uma criança (...) de se deixar admirar e encantar pelas e com as palavras em toda a sua intensidade afetiva e emocional”.

Levar a narração de histórias para a sala de aula é uma forma de enriquecer pedagógica e artisticamente o momento vivido. Esta é uma sugestão importante de atividade lúdica em sala de aula, ressaltando que, muitas vezes, devemos contar história apenas pelo deleite, sem maiores cobranças pedagógicas. A experiência mostra que a narração de histórias opera como um fomento à leitura de livros. Após escutar uma história, torna-se muito comum os ouvintes buscarem pelos livros onde elas estão registradas, o que torna a leitura mais saborosa, por perder o caráter de imposição, muitas vezes praticado na escola.

Considerações Finais

O Brasil é rico em expressões que vão passando de geração para geração, tendo vários folcloristas feito tal registro, nas mais diferentes regiões do país. Câmara Cascudo é exemplo de rica pesquisa e registro das manifestações tradicionais. Em seus estudos, registrou cantigas, contos e causos, parlendas, trava-línguas e tantas outras riquezas da cultura brasileira.

Os registros são importantes para futuras pesquisas, mas devemos de ressaltar que a cultura é algo vivo, que se movimenta, que se ressignifica. É como assevera Freire (1996, p. 16): “Ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã.” Assim acontece com o conhecimento e com a cultura, que está sempre a se reinventar. Essa é uma característica dos estudos culturais: a ressignificação, ou retraditionalização, para a própria sobrevivência da manifestação.

Um exemplo a ser citado é a forma como “os cantadores nordestinos mostraram, por meio de versos, a valentia dos cangaceiros” (KISHIMOTO, 1998,

p. 49). Forma que permanece até os dias atuais, ressignificada por meio de repentos, cordéis, poesias de desafio e até mesmo o rap. Atualmente, há alguns canais no youtube⁷ que exploram os desafios de rima de maneira interativa. É uma atividade que atrai muitos adolescentes.

Ao valorizar esse conhecimento prévio – pautado na oralidade - que os alunos trazem para a escola, o professor promove uma aproximação com os mesmos, partindo de uma vivência real, suscitando maior integração entre os envolvidos, fato importante para o estabelecimento de relações mais significativas na escola. Lembrando ainda Freire (1996):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 17)

A ressignificação das cantigas tradicionais da infância na escola vai além da propagação da tradição em si: traz o contato com o outro, a mão na mão, o olho no olho, o espírito de coletividade, de comunhão, de pertencimento.

Havemos de nos lembrar que os adultos somos responsáveis por repassar o capital de experiências às gerações vindouras. Neste sentido, urge que nós, os professores, mantenhamos vivos os conhecimentos tradicionais, ainda que ressignificados no espaço escolar. Precisamos cuidar para que a interação entre as pessoas seja uma preocupação também da escola, para não formarmos uma geração cada vez mais individualista, preferindo o contato digital ao contato real. Precisamos manter vivo o humano que há em nós. A palavra verbalizada compõe essa humanidade.

⁷ Um exemplo de canal no Youtube é o Mussoumano, que convida vários youtubers para o duelo de rimas. Disponível em: <https://goo.gl/dGIMb1>

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. D. **Danças Dramáticas do Brasil; edição organizada por Oneida Alvarenga**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ARAÚJO, Alceu. Maynard. **Folclore Nacional II: dança, recreação e música**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas, vol I)**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012
- CASCUDO, L. D. C. **Vaqueiros e cantadores para jovens**. 1. ed. ed. São Paulo: Global, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Lenice & MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. SP: Cortez, 2013.
- HEYLEN, J. **Parlenda, Riqueza Folclórica**. 2ª Ed. ed. SP: Editora Hucitec, 1991.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. 7ª Ed. ed. SP: Perspectiva, 2012.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 4ª d. ed. RJ: Vozes, 1998.
- LOUREIRO, M.; TATIT, A. **Brincadeiras cantadas de lá e de cá**. 1ª. ed. SP: Melhoramentos, 2013.
- LOUREIRO, M.; TATIT, A.. **Desafios Musicais**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.
- LUCKESI, Cipriano. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade**. In.: Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa . Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998, pág. 09-25
- LUCKESI, Cipriano Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, p. 13-23, Julho/Dezembro 2014. ISSN 2.
- MONTEIRO, M. F. M. **Dança popular: espetáculo e devoção**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- ROMERO, S. **Folclore Brasileiro 1: Cantos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, v. II, 1954.
- SARAIVA, J. A. E. A. **Palavras, brinquedos e brincadeiras: a cultura oral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SILVA, Lucilene. **Eu vi as três meninas: música tradicional da infância na aldeia de Carapicuíba**. SP: Zerinho ou Um, 2014.
- SODRÉ, Lilian Abreu. **Música africana na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras**. São Paulo: Duna Dueto, 2010.
- TARJA Branca**. Direção: de Cacau Rhoden. Produção: Etela Rener. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/E7JwB6>. Acesso em: 27/11/14.

TUGNY, Rosângela P. de. **Cantos Tikmũũn: para abrir o mundo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.